

Detalhes estudados nas essências florestais

Alceu de Arruda Veiga
(Horto Florestal de Batatais)

Todos nós silvicultores, procuramos sempre propagar essências florestais com o intuito principal de propiciar rendas inesgotáveis ao fazendeiro. Há como que um entrosamento entre a **SILVICULTURA** própria dita e a **ECONOMIA FLORESTAL**, visando um objetivo comum. A floresta, o meio físico e o homem, lutarão por um mesmo fim e, do equilíbrio que surgirá em suas relações recíprocas, resultará o benefício de que deverá auferir o proprietário de áreas arborizadas.

Autores estrangeiros, onde a silvicultura está atingindo graus bastante perfeitos, procuram sempre interpretar o indivíduo lenhoso como uma resultante das influências climáticas do meio em que vivem, dentro de certos limites em que há, também, a intervenção de outros fatores de igual importância. Procuram, ao mesmo tempo, interpretar a própria qualidade de madeira, com vistas diretas em suas camadas anuais de crescimento, estabelecendo, por assim dizer, uma íntima correlação entre as formações primaveris ou outonais com o desenvolvimento qualitativo de cada indivíduo. Nestas condições, quer estejam lidando com essências resinosas ou folhosas, traduzem o maior ou menor valor do material lenhoso por intermédio do maior ou menor espessamento no outono ou na primavera.

Outro assunto muito debatido em literaturas estrangeiras e que deveria merecer a nossa maior atenção, é o que concerne ao estudo comparativo entre o vigor vegetativo das árvores e a fase de início do amadurecimento do lenho : há escolas que propugnam por uma perfeita equivalência entre a maior ou menor atividade vegetativa das plantas com a referida maturação, embora existem exceções bastante conhecidas no meio florestal.

A montagem de estações meteorológicas em nossos Hortos Florestais, seria outro ponto de suma relevância a ser considerado pelos silvicultores, porque até hoje não há, por assim dizer, uma base sólida com a qual se possa responder às perguntas referentes à possível ligação entre a floresta e a chuva. Aliás, autores há que afirmam existir um insignificante acréscimo pluviométrico nas áreas arborizadas, enquanto que outros chegam a provar a inoperância de tais afirmativas, porque se baseiam na assertiva segundo a qual a maior ou menor quantidade de chuva é dependente da maior ou menor quantidade de vapor d'água existente na atmosfera. Para isso, tratam de demonstrar que as formações florestais, pela evaporação e transpiração, perdem menor quantidade de vapor d'água do que as plantas herbáceas, tal o seu maior poder de retenção. Donde resulta o raciocínio pelo qual não há por que achar que o reflorestamento decida sobre o aumento da queda pluviométrica.

Todavia, dizem os estudiosos, o assunto é bastante delicado, envolvendo noções de humidade absoluta e relativa, de precipitações chamadas ocultas, etc, e só estudos acurados nos conduziriam a resultados práticos.

É preciso que se conheça, no entanto, a nossa opinião a respeito: dado o valor da floresta como propulsora da maior infiltração das águas pluviais, da sua maior retenção, da sua ação benéfica contra as erosões, diminuindo a velocidade de escoamento das enxurradas, além de outras inúmeras vantagens constantemente mencionadas (fixação das dunas, higienização, etc) o reflorestamento deve fazer parte das nossas principais cogitações...

Hoje em dia, a nossa silvicultura já está sendo encarada mais sob o ponto de vista de ciência do que propriamente como arte, si bem que preferimos interpretá-la como ciência e arte concomitantes. Devido, pois, ao seu maior grau de evolução, procura-se introduzir nela os conhecimentos atualizados da Florística, da Genética e da Ecologia, com reais vantagens para o técnico, porque terá meios de conhecer não só a origem

das espécies, como o seu aspecto característico em cada região do globo terrestre e a própria interdependência da planta para com o meio em que vive.

É por demais sabido que a flora terrestre apresenta uma fisionomia como que deturpada pelo trabalho de interferência do homem, cuja influência (antropofilismo) é dirigida no sentido de criar povoamentos úteis à própria coletividade. No entanto, é preciso frisar, fatores diversos atuam sobre o vegetal, do que resulta a multiplicidade de sua distribuição nas diferentes regiões do nosso planeta. Citemos, como ilustração, os seguintes: fatores climatéricos, — umidade, luz, temperatura, chuvas e ventos; — os fisiográficos, — declividade do solo, exposição, altitude, etc; — os edáficos, — estado físico e composição química do solo — e os fatores bióticos.

Questão também debatida entre os silvicultores é aquela que se correlaciona com as gemas adventícias e proventícias, surgindo da sua intervenção no regime de talhadio, os mais diversos conselhos: há mesmo quem opine pelo corte da planta durante os meses de repouso vegetativo, para que dê margem à utilização das gemas dormentes, sempre mais vantajosas que as primeiras, si bem que outros fatores regulem a sua maior ou menor brotação.

Todos os Hortos Florestais localizados em zonas de campos, — savanas e campinas —, poderiam, muito bem, paralelamente com os ensaios que realizassem sobre essências florestais provenientes de zonas bem distintas, introduzir com afinco o estudo completo a respeito das plantas endêmicas. Lá estariam apenas o "pau terra" (*Qualea grandiflora* - *Vochysiaceae*) e a "sucupira" (*Bowdichia virgilioides* - *Lég.*) para não citar uma lista interminável de plantas caracterizadas pelo seu xerofitismo, ao lado do "pinheiro brasileiro" (*Araucaria angustifolia* - *Araucariaceae*) da "embuia" (*Phoebe porosa* - *Lauraceae*) e de outras cuja zona de origem fosse bem diversa sob o ponto de vista fitogeográfico.

Um estudo de tal jaez seria de interesse não só pela constatação do comportamento comparativo entre plantas extru-

turalmente diferentes, como também por proporcionar observações correlatas à transição de adaptabilidade, digamos, de um hidrofíllismo ou talvez de um higrofilismo para um sub-xerofitismo patente. Aliás, há exemplos frisantes da transposição de essências florestais halófilas para zonas que primam pela ausência do cloreto de sódio, sem que se verifique qualquer prejuízo a tais indivíduos. Naturalmente há que notar certas modificações em determinados órgãos sem, no entretanto, prejudicar o seu desenvolvimento normal.

Outras vezes, encontramos árvores localizadas em "andares" muito elevados e que, disseminadas em "horizontes" inferiores chegam a apresentar crescimentos dentro dos característicos de sua **arborescência**, muito embora o seu **porte** apresente diferenças distintas do seu conjunto morfológico específico...

Assunto também atualizado é o que se acha intimamente ligado com a confecção de tabelas dendrométricas, para as quais os pesquisadores se valem dos recursos próprios e específicos de cada planta. Assim é que, procuram aplicar não só as fórmulas de um parabolóide, de um cone, de um cilindro, etc, em conexão com o "coeficiente de forma", do que resultam elementos preciosos para a estimativa real do volume do indivíduo. Há que acrescentar aqui, o que já foi feito por Smalian e Huber, sem deixar de mencionar Leduc, cuja tabela de fatores foi simplificada pelo Prof. Philippe Westin Cabral de Vasconcelos, com o estabelecimento de dados que muito facilitam sua compreensão.

Finalmente, desejamos fazer breve referência às micorrizas, encontradas em florestas ricas em húmus. É necessário que se dê melhor atenção a esta questão de particular interesse ao silvicultor, procurando conhecer com maiores detalhes os fungos que intervêm na sua constituição, visando ao mesmo tempo verificar si é encontrado, tão somente, o estado simbiótico ou si há mesmo possibilidade de um posterior parasitismo, como querem os estudiosos no assunto...